

A conversão como pressuposto para a missão

La conversión como presupuesto para la misión

Conversion as a presupposition for mission

Odair Lourenço Ribeiro¹

121

RESUMO

O Papa Francisco identifica a dificuldade para a Igreja se abrir e ser ativa na sua dimensão missionária, com certas “doenças” que vigoram no seu agir. Para abordar o assunto, o artigo tem o objetivo de demonstrar que há necessidade de conversão pastoral como pressuposto para a missão. E para tal, alguns elementos são fundamentais, tais como: estar em constante processo de conversão; a alegria e o espírito de abertura para uma Igreja em saída; gerar processos na ação evangelizadora concentrando-se no essencial; e ter Jesus Cristo como centro da vida e ação missionária do discípulo. A conversão apresenta-se como um pressuposto para a missão; e a missão como meio eficaz para a conversão. Equivale a um processo circular sempre inacabado que pode ser assim expresso: quanto mais convertida a Igreja, mais missionária será; e, quanto mais missionária, mais convertida. A missão cristã se pauta pela esperança, que oferece sempre luzes em meio às trevas. Por isso, a vida cristã deve ser um constante voltar às raízes de nossa fé, à Sagrada Escritura e, mais uma vez, acreditar no milagre da semente.

Palavras-chaves: Conversão; Pastoral; Missão; Igreja.

RESUMEN

El Papa Francisco identifica la dificultad de la Iglesia para abrirse y ser activa en su dimensión misionera, con ciertas “enfermedades” prevalentes en sus acciones. Para abordar esta cuestión, este artículo pretende demostrar la necesidad de la conversión pastoral como prerequisito para la misión. Para lograrlo, ciertos elementos son fundamentales, como: estar en un proceso constante de conversión; la alegría y el espíritu de apertura de una Iglesia en salida; generar procesos de acción evangelizadora centrándose en lo esencial; y tener a Jesucristo como centro de la vida del discípulo y de su acción misionera. La conversión se presenta como un prerequisito para la misión; y la misión como un medio eficaz para la conversión. Se trata de un proceso circular, siempre inacabado, que puede expresarse así: cuanto más convertida esté la Iglesia, más misionera será; y cuanta más misionera, más

¹ Presbítero da Arquidiocese de Pouso Alegre MG; Pároco da Paróquia São Francisco de Paula em Poço Fundo MG; Graduado em Teologia; Especialização em Misiología. Email: padreadair@yahoo.com



convertida. La misión cristiana está guiada por la esperanza, que siempre ofrece luz en medio de la oscuridad. Por lo tanto, la vida cristiana debe ser un retorno constante a las raíces de nuestra fe, a la Sagrada Escritura, y, una vez más, creer en el milagro de la semilla.

Palabras clave: Conversión; Pastoral; Misión; Iglesia.

ABSTRACT

Pope Francis identifies the Church's difficulty in opening up and being active in its missionary dimension, with certain "diseases" prevalent in its actions. To address this issue, this article aims to demonstrate the need for pastoral conversion as a prerequisite for mission. To achieve this, certain elements are fundamental, such as being in a constant process of conversion; the joy and spirit of openness for an outgoing Church; generating processes in evangelizing action by focusing on the essential; and having Jesus Christ as the center of the disciple's life and missionary action. Conversion presents itself as a prerequisite for mission, and mission as an effective means for conversion. It amounts to a circular, ever-unfinished process that can be expressed as follows: the more converted the Church, the more missionary it will be; and the more missionary, the more converted. The Christian mission is guided by hope, which always offers light amidst darkness. Therefore, the Christian life must be a constant return to the roots of our faith, to Sacred Scripture, and, once again, believe in the miracle of the seed.

Keywords: Conversion; Pastoral; Mission; Church.

1. Introdução

A Igreja, por sua natureza, é missionária, chamada a levar o Evangelho a todos os povos. Como afirma a *Redemptoris Missio*: "A Igreja é por sua natureza missionária, porque o mandato de Cristo não é algo de contingente e exterior, mas atinge o próprio coração da Igreja (RMI, 62)". Contudo, percebe-se muita dificuldade na abertura e testemunho missionário, algo que deveria ser ordinário na vida de todo batizado passa a ser uma tarefa extraordinária: a vivência missionária.

A dificuldade da Igreja em estar aberta e ser ativa na sua dimensão missionária não é uma questão simples de ser respondida. O Papa Francisco identifica essa dificuldade na vivência da missão cristã como "doenças" (Francisco, 2014). Logo, quando se fala em "doenças" lembra-se que, para muitas doenças, existem remédios que podem sanar o problema ou pelo menos amenizar a dor e os sintomas. A seguir, desenvolvemos os elementos essenciais para uma Igreja Missionária a partir da visão do Papa Francisco.

2. Uma Igreja em Constante Processo de Conversão

O processo de "cura", mudança para os crentes é denominado conversão. A palavra conversão tem múltiplos sentidos, mas aqui é conceituada da seguinte forma:



Em sentido geral indica mudança de vida, deixar o comportamento habitual de antes para empreender outro novo; prescindir da busca egoísta de si mesmo para pôr-se a serviço do Senhor. Conversão é toda decisão ou inovação que, de alguma maneira, nos aproxima da vida divina e nos torna mais conformes a ela. Implicando à conversão o abandono do modo anterior de vida para mergulhar numa experiência nova... (Fiorese & Goffi, 1989, p. 200).

O primeiro passo para a conversão é o reconhecimento das próprias limitações. O discípulo, para seguir autenticamente a Jesus, precisa passar pela experiência de reconhecer-se miserável, bem como a Igreja, para converter-se, necessita reconhecer seus limites. A respeito do limite do pecado Chevrot afirma:

É esta a terrível lição em que devemos meditar: uma reviravolta tão rápida como inverossímil, a surpresa tremenda da tentação, que derruba bruscamente os mais fortes, a desoladora fragilidade da nossa natureza sempre vulnerável; em resumo, a nossa falta de segurança em face do mal que nos abate antes de nós podermos nos defender. Esta é a verdadeira perfídia, a do pecado que em poucos minutos pode fazer de um cristão um trocista céitico, um dissidente revoltado, um negociante desonesto, um irmão ciumento, um esposo infiel (Chevrot, 1990, p. 162).

O retorno na vida cristã, muitas vezes, se dá com a volta à participação na comunidade, na convivência fraterna com as pessoas com as quais os laços tinham sido rompidos, ou ainda pela mudança de atitude frente à sociedade. O certo é que o retorno deve ser de forma nova, revigorada, com novos propósitos de vida e com uma consciência imbuída de que o comprometimento será mais exigente.

Na Sagrada Escritura, os discípulos de Jesus Cristo passam por um processo de conversão para poder vivenciar a missão. Citando apenas dois exemplos para ilustrar Pedro e Paulo. O primeiro, chamado por Jesus para o grupo dos doze (Lc 5,10-11; Mc 1,16-18) se dispõe a seguir Jesus. Todavia, ao longo do processo discipular vai negar ser discípulo, estar e conhecer Jesus (Jo 18,17-27). Para ser discípulo autêntico, Pedro passou por um profundo processo ou caminho de conversão, reconhecendo suas misérias e se comprometendo amorosamente com a pessoa e missão de Jesus (Jo 21,15-19).

A conversão de Saulo acontece de uma forma mais complexa. Paulo era um homem culto e de prestígio dentro da comunidade judaica (At 9,1-2). Pode-se dizer que Paulo tinha segurança, prestígio e certo poder na sociedade e religião judaica, justamente por suas fortes convicções religiosas. No entanto, sua vida passa por uma transformação radical quando a caminho de Damasco tem um encontro com a pessoa de Jesus. Esse evento faz com que Paulo deixe de ser perseguidor dos cristãos para tornar-se um fiel discípulo de Jesus de Nazaré (At 9,3-19). Ele abandona suas convicções religiosas judaicas, seu prestígio e poder para reconhecer que sua força e poder vêm de Cristo, a ponto de reconhecer que todo o seu viver ganhou sentido na pessoa e missão de Jesus (Fl 1,21; 2Cor 12,9).

123



A conversão na bíblia mostra algo imprescindível, que é a pessoa se sentir atingida pela misericórdia de Deus. É o próprio Deus que no seu imenso amor possibilita ao ser humano experimentar a comunhão com seu Criador. Ao experimentar essa comunhão com Deus a pessoa deve ser no mundo expressão, fonte desse amor misericordioso. Por analogia, a Igreja, como afirma o Cardeal Walter Kasper, é chamada a ser sacramento do amor e da misericórdia:

O mandamento da misericórdia vale não só para o cristão individual, mas também para a Igreja no seu conjunto... Daí que a Igreja não seja uma espécie de agência de serviços sociais e de caridade; enquanto Corpo de Cristo, a Igreja é sacramento da permanente e eficaz presença de Cristo no mundo e, por último, sacramento da misericórdia (Kasper, 2015, p. 193).

Alguns documentos da Igreja, especialmente *Redemptoris Missio*, Aparecida e *Evangelii Gaudium* nos oferecem diversos “remédios” para desenvolver a dimensão missionária da Igreja. Dentre esses elementos (remédios), o mais eficaz para toda a Igreja e, consequentemente, para todo cristão é a conversão. “Cada Igreja particular, porção da Igreja Católica sob a guia do seu Bispo, está, também ela, chamada à conversão missionária” (EG, 30).

A conversão pessoal desperta a capacidade de submeter tudo a serviço da instauração do reino da vida. Os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir uma atitude de permanente conversão pastoral, que envolve escutar com atenção e discernir “o que o Espírito está dizendo às Igrejas” (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos nos quais Deus se manifesta (DAp, 366).

Todo cristão e a Igreja, como um todo, necessitam constantemente se converter para prosseguir e cumprir a missão deixada por Jesus Cristo. “O chamamento à missão deriva, por sua natureza, da vocação à santidade. Todo missionário só o é autenticamente, se se empenhar no caminho da santidade: a santidade deve se considerar um pressuposto fundamental e uma condição totalmente insubstituível para se realizar a missão de salvação da Igreja” (RMi, 90).

É importante compreender que a conversão na vida cristã e nas estruturas da Igreja é um processo sempre incompleto, pois diariamente necessita de mudança de vida e das estruturas. Quando se discorre a respeito de processo é algo dinâmico: a Igreja e cada cristão se converte na vivência da missão entre erros e acertos, vitórias e derrotas. Isso equivale a dizer que a Igreja não irá parar e nem esperar estar convertida para viver a dimensão missionária. Pode-se até afirmar que a missão converte a Igreja e consequentemente cada cristão.

A conversão apresenta-se como um pressuposto para a missão; e a missão como meio eficaz para a conversão. Equivale a um processo circular sempre incompleto que pode ser assim expresso: quanto mais convertida a Igreja, mais missionária será; e, quanto mais missionária, mais convertida. Essa conversão, que a Igreja é chamada a viver, implica num processo que envolve a pessoa como membro dessa comunidade de fé, as estruturas eclesiásias, enfim uma conversão integral. Mas como a maioria dos “remédios” não são tomados de uma única vez, é importante ir descobrindo a partir da história e da ação missionária os ele-

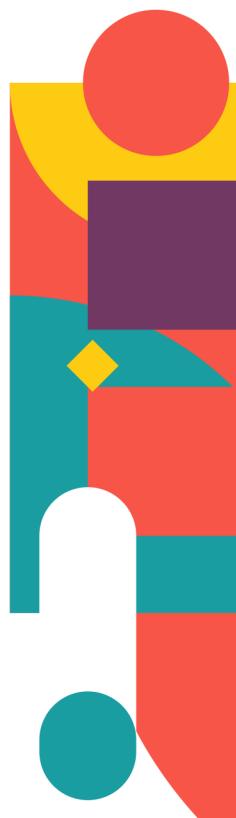
mentos (remédios) e os métodos (modo de tomar) para que a Igreja possa ir se convertendo para cumprir com autenticidade sua missão.

3. Uma Igreja alegre em Saída

Uma insistência no Pontificado do Papa Francisco é que a Igreja e cada cristão devem ser presença alegre no mundo. Mas essa alegria proposta por ele não brota de coisas ou situações supérfluas: “A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria” (EG, 1).

125

Viver de modo alegre é uma opção da pessoa a partir do encontro com a pessoa de Cristo. Por isso, mesmo em meio às vicissitudes da vida, o cristão e a Igreja devem transbordar alegria, pois essa não está condicionada a não ter dificuldades ou provações. A alegria brota da experiência pessoal com a pessoa de Jesus Cristo, que promete aos seus discípulos: “Vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza há de converter-se em alegria” (Jo 6,20).



A alegria que os discípulos de Cristo experimentam faz com que queiram sair de si, compartilhar a experiência vivida. Assim expressou o Papa Francisco: “Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de comunicá-lo aos outros?” (EG 8). A alegria que brota do Evangelho faz o cristão e a Igreja romperem o isolamento, sair de si, doar-se, mesmo quando for preciso semear com lágrimas. (EG 10). Portanto, a Igreja em “saída” proposta pelo Papa Francisco tem como fonte a alegria que brota do encontro com a pessoa de Jesus.

O Antigo Testamento mostra de forma evidente como Deus convida os seus servos a saírem para cumprir sua vontade: Abraão é chamado a sair de sua terra (Gn 12,1-3); Moisés é convocado por Deus para sair e libertar o povo sofrido e escravo no Egito (Êx 3,10-17); o profeta Jeremias recebe a ordem de Deus para ir onde fosse enviado (Jr 1,7) (EG 20).

No Novo Testamento, Jesus convida seus discípulos ao dinamismo da “saída” quando são chamados e enviados para a missão. No envio de Jesus aos discípulos, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e, hoje, todos são chamados a essa nova «saída» missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos são convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (EG 20). Periferias essas que podem ser geográficas, culturais e sociais. (RMi, 37)



A Igreja em saída é uma comunidade despojada, com portas abertas para o outro com suas feridas e esperanças. No outro está o prolongamento permanente da Encarnação para cada um de nós. A resposta à doação absolutamente gratuita de Deus é a saída de si como uma “absoluta prioridade” da vida cristã. A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isto é, definitivamente, a missão.

Por isso mesmo, uma Igreja Particular não pode esperar sanar todas as suas necessidades internas para somente depois preocupar-se com a missão além-fronteiras. A experiência e

abertura missionária são condições para o amadurecimento da Igreja local. Uma Igreja que não se abre para a missão não cresce e está condenada à esterilidade (CNBB, 1989, 54). Essa mesma ideia pode ser aplicada às paróquias e comunidades, no sentido que a cooperação missionária é um enriquecimento para a realidade local.

Muitas vezes, a falta de abertura a trabalhos missionários é fruto de um pensamento reducionista de que não temos cristãos preparados para tal tarefa. Contudo, é importante lembrar que o Espírito Santo é protagonista da missão, ou seja, é Ele que conduz os missionários em sua missão (RMi, 21). E ainda vale ressaltar que pelo batismo todos são missionários, e que por mais limites que tenham é necessário “dar da nossa pobreza”.

O Papa Francisco, ao falar da Igreja em saída, enfatiza de modo categórico:

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida (EG, 49).

A *Evangelii Gaudium* propõe como metodologia para uma Igreja em saída alguns passos importantes que não podem faltar na vida e ação missionária da Igreja: primeirar (tomar a iniciativa); envolver; acompanhar; frutificar e festejar (EG, 24).

4. Gerar processo concentrando-se no essencial

No mundo contemporâneo é muito difícil vislumbrar pessoas e instituições preocupadas em gerar processos que favoreçam a vida e dignidade humana. Na maioria das vezes, o que se busca é o resultado imediato, fruto de um utilitarismo que gera ganhos políticos e econômicos. A história vai avaliar a ação pessoal e eclesial a partir da promoção da dignidade humana (EG, 224).

No contexto da missão, o critério deve ser sempre processo possível e tendo em vista que a estrada é longa e não termina com uma geração. O próprio Jesus mostrou aos seus discípulos que o processo é importante, pois tem coisas que ainda não são possíveis ser compreendidas no momento atual. “A parábola do trigo e do joio (cf. Mt 13,24-30) descreve um aspecto importante de evangelização que consiste em mostrar como o inimigo pode ocupar o espaço do Reino e causar dano com o joio, mas é vencido pela bondade do trigo que se manifesta com o tempo” (EG, 225).

Com a mudança da concepção missionária que não é vista mais como colonização, mas como encontro, é importante gerar processo. Isso porque a missão como colonização tem métodos e elementos predeterminados que são impostos sobre os “colonizados”.

No entanto, a missão como encontro exige alguns elementos próprios, tendo o próprio Deus como inspiração que vem ao encontro da humanidade: *Tempo* - todo relacionamento exige tempo de conhecimento do missionário e da comunidade; *Testemunho* - o testemunho é dado na vivência do dia a dia, nos encontros, na convivência, na oração em comunidade; *Presença* - o missionário é chamado a ser presença de Deus àqueles aos quais foi enviado (Raschietti, 2017).

O missionário necessita demonstrar que passou por um profundo processo de conversão a partir do encontro com Jesus Cristo, para então gerar, na comunidade, o desejo de também trilhar o caminho de Jesus, sabendo que não será algo imediato, momentâneo, mas um processo para a vida toda. Para que o processo missionário seja fecundo é necessário concentrar-se no essencial. Por isso, o Papa Francisco convida a Igreja ao discernimento de questões essenciais na missão evangelizadora da Igreja e, para isso, vai lembrar os ensinamentos de Santo Tomás de Aquino e Santo Agostinho, ao afirmarem que os ensinamentos dados por Jesus aos Apóstolos foram poucos e que, os preceitos adicionados posteriormente pela Igreja, devem ser exigidos de forma moderada para não tornarem muito pesada a vivência cristã. (EG, 43) O risco de não se concentrar no essencial e primar por questões periféricas é transformar a religião em escravidão, quando, na verdade, a comunidade cristã é chamada a ser um “oásis de misericórdia” onde todos sejam livres e permita que todos sejam atingidos pela mensagem salvadora (EG 43).

O Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* traz algumas inspirações no sentido de não perder tempo com coisas periféricas, mas concentrar-se no essencial. Quatro pontos essenciais são citados pelo papa: o tempo é superior ao espaço; a unidade prevalece sobre o conflito; a realidade é mais importante do que a ideia e o todo é superior às partes. O texto não está menosprezando a importância do espaço, do conflito, da ideia e da parte que são realidades que fazem parte da vida humana. O que se ressalta é que o cristão deve priorizar o essencial e, neste caso, é o tempo, a unidade, a realidade e o todo. (EG, 222-234)

A ideia de concentrar-se no essencial pode ajudar o missionário no seu processo de conversão e ao mesmo tempo colaborar com a conversão da Igreja. Isso porque muitos problemas e conflitos eclesiás fogem do nível essencial e pairam sobre questões supérfluas, periféricas e sem muita importância. Levando muitos cristãos missionários e comunidades à tentação de aderir a valores não verdadeiramente cristãos. Que, segundo Galilea, seriam os demônios do apostolado: messianismo; ativismo; fazer da confiança em Deus uma farsa; não confiar na força da verdade; pregar problemas e não certezas; reduzir a esperança; perder o sentido das pessoas; fazer acepção de pessoas; sectarismo; fechar-se em sua própria experiência; esperar do apostolado uma carreira gratificante; perder o gosto pelo apostolado; a instalação; carecer de fortaleza ou vigor; inveja pastoral; perder o sentido do humor (Galilea, 1991, p. 29-67). A essa lista poder-se-ia acrescentar a dificuldade de gerar um processo missionário.

5. Estar “mundiado” por Jesus e sua proposta de vida

A expressão “estar mundiado” é da região Amazônica, significa estar encantado, enfeitiçado, entorpecido. Para exemplificar a expressão, usa-se a figura da cobra que vai atacar

127



o pássaro e o hipnotiza, encanta, a fim de que este não fuja. Neste caso, o pássaro está “mundiado” pela cobra, ou seja, o seu mundo é a cobra. Trazendo essa expressão para o contexto religioso pode-se afirmar que o missionário deve estar “mundiado” por Jesus Cristo e seu projeto de vida. Portanto, Jesus deve ser o mundo do missionário.

Estar “mundiado” por Jesus leva a pessoa a querer dar prosseguimento à missão que brota do próprio Jesus Cristo e tem como fim o Reino de Deus. A preocupação deve ser de conduzir as pessoas ao Reino, à Salvação. A Igreja é um meio, com certeza existem muitos outros que podem levar ao Reino. Por isso, as falhas, as dificuldades da Igreja, devem questionar e fazer repensar o modo como cada cristão tem vivido sua missão batismal. Assim, tudo que se fizer deve ser em vista do Reino e para que ele seja construído em nosso meio: ser cristão atuante, por exemplo, só tem sentido em vista do Reino de Deus (RMi, 20). Em aspectos práticos, todos os projetos e trabalhos missionários feitos pela Igreja têm por finalidade o Reino de Deus. A pessoa que se dispõe à vivência missionária, seja na família, na comunidade, nas pastorais, movimentos ou missão ad gentes tem como caminho/estrutura a Igreja, mas esta aponta para o Reino que é o fim último de toda a vida cristã.

Neste sentido, o cristão é um deslocado: o centro do mundo não é ele, mas Cristo, que deve ser o seu mundo. Na mesma linha de pensamento, a Igreja é *Misterium Lunae*, mistério da lua, ou seja, é reflexo do sol que é Jesus Cristo. Como escreveu Santo Ambrósio, como a lua, a Igreja não resplandece com luz própria, mas com luz de Cristo. Ao passo que para Cirilo de Alexandria, a Igreja é iluminada pela luz divina de Cristo, que é a única luz no reino das almas. Há, portanto, uma só luz: nessa única luz resplende, todavia, também a Igreja, que não é porém o próprio Cristo. É preciso discernir o que na Igreja leva ao Reino e o que leva somente à Igreja. Sabendo que o Reino é tudo que promove a vida da pessoa em todas as suas dimensões (Papa Francisco, 2015).

6. Considerações finais

O cristão e, por conseguinte a Igreja, é convidado a cultivar a esperança, que é traduzida em fé. Acreditar, apesar das adversidades. Para ajudar a cultivar a esperança/fé tem que buscar na Palavra de Deus inspiração para viver. E, em meio a tantas lutas, cansaços e decepções, o que consola o cristão são as palavras de Jesus aos seus discípulos: “O Reino dos céus é como uma semente de mostarda que um homem pega e semeia no seu campo. Embora ela seja a menor de todas as sementes, quando cresce, fica maior do que as outras plantas. E se torna uma árvore, de modo que os pássaros do céu vêm e fazem ninhos em seus ramos”. (Mt 13,31-32)

A parábola da semente de mostarda mostra que o anúncio e concretização do Reino de Deus vão além das forças humanas, pois a missão é lançar as sementes. E diante da pequenez e das limitações do ser humano, é Deus quem faz germinar e crescer a semente. Contudo, diante da aparente infertilidade da “terra” o cristão muitas vezes sucumbe pelos fracassos e tentativas frustradas. O ser humano não foi criado, ou melhor, educado para a paciência de esperar décadas para ver os frutos da fidelidade ao Evangelho. E, às vezes, os frutos são poucos e não visíveis aos nossos olhos.

A cosmovisão do cristão muitas vezes não o deixa perceber que a semente, antes de romper a terra, tem que criar raízes, tem que ter uma base sólida de sustentação. E só depois de algum tempo e que, se as condições forem adequadas, os primeiros brotos rompem o solo e começam a crescer. No entanto, a produção de frutos vai depender de diversos fatores, inclusive alguns deles independem do esforço ou vontade da pessoa.

A fidelidade cristã é semelhante ao trabalhador que labuta, prepara o terreno, lança a semente, ou seja, faz tudo que está ao seu alcance para que a colheita seja boa. Mas o trabalhador tem uma atitude de confiança plena na vontade e na ação soberana de Deus, pois sabe que apesar de todo seu esforço, a boa colheita não depende somente dele. Deus é quem oferece as condições adequadas para o crescimento e produção de frutos. Essa confiança é determinante na vida do agricultor e na vida e ação cristã, como escreveu São Paulo na primeira carta aos Coríntios:

Quem é Apolo? Quem é Paulo? Apenas servidores, através dos quais vocês foram levados à fé; cada um deles agiu conforme os dons que o Senhor lhe concedeu. Eu plantei, Apolo regou, mas era Deus que fazia crescer. Assim, aquele que planta não é nada, e aquele que rega também não é nada: só Deus é que conta, pois é ele quem faz crescer. Aquele que planta e aquele que rega são iguais; e cada um vai receber o seu próprio salário, segundo a medida do seu trabalho. Nós trabalhamos juntos na obra de Deus, mas o campo e a construção de Deus são vocês (1Cor 3,5-9).

Analizando de uma maneira superficial o relato de São Paulo, a pessoa é levada a pensar de uma forma romântica ou inocente a missão cristã. Contudo, essa experiência descrita pelo apóstolo dos gentios é dolorosa, pois antropologicamente o ser humano não foi criado para a infertilidade aparente. É o mesmo que dizer para uma mulher que ela é mãe sem ela ter o filho nos braços. A sensação é de ilusão, fracasso, impotência e, principalmente, tristeza diante da infertilidade.

Na vida, a experiência é semelhante, o cristão quer lançar a semente e logo ver os frutos de seu trabalho. Nesse momento, entra a dimensão que ultrapassa os esforços e esquemas humanos: a fé e a esperança. Compreender essa infertilidade visível só é possível a partir de uma experiência profunda da fé e da esperança. Deus é a resposta para as angústias e questionamentos cristãos: por que esse trabalho pastoral não funcionou? Por que as pessoas não praticam a fé? Por que não conseguimos formar comunidades? Por que não há uma vivência sacramental e dos valores evangélicos? Diante de todos esses "porquês" muitas vezes o cristão é tentado a desistir do trabalho, a lançar a semente em outras terras, ou pior ainda, desistir de semear. E em algumas situações as desistências acontecem, as forças minguam, a fé fica abalada e o crente, decepcionado, perde a razão de sua existência. A vida cristã deve ser um constante voltar às raízes de nossa fé, à Sagrada Escritura, e mais uma vez acreditar no milagre da semente (Mc 4, 26-34).

129



7. Referências

- ARMELLINI, Fernando; MORETTI, Giuseppe. *Tinha rosto e palavras de homem: um perfil de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- BÍBLIA SAGRADA. *Edição Pastoral*. São Paulo: Paulus, 1990.
- BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2002.
- CHEVROT, Georges. *Simão Pedro*. São Paulo: Quadrante, 1990.
- EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate sobre a chamada à santidade no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- GOFFI, Tullo; FIORES, Stefano (org.). *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- HUNTER, James C. *O monge e o executivo*. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
- KASPER, Walter. *A misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2015.
- MACKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- RASCHIETTI, Estevão. *A missão hoje: atualização do clero da Arquidiocese de Pouso Alegre, MG*. 2017.
- SALATI, Stefano. *Redenção e processos de conversão: novos caminhos de partilha teológica*. São Paulo: Paulinas, 1999.

8. Documentos



POM. *Antropologia e pastoral da missão – 2º Simpósio Internacional de Missiologia*. Brasília: Pontifícias Obras Missionárias, 2008.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

COMPÊNDIO VATICANO II. *Constituições, decretos e declarações*. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

CNBB. *Batismo: fonte de todas as vocações – avancem para águas mais profundas*. Texto-base. Brasília, DF, 2002.

CNBB. *Igreja: comunhão e missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura*. São Paulo: Paulinas, 1989.

CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil – 61ª edição*. São Paulo: Paulinas, 1999.

131

4º Congresso Missionário Nacional: *missão permanente – reflexões e propostas*. Brasília: Edições CNBB, 2017.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2007.

TEXTO-BASE: *IV Congresso Missionário Nacional – a alegria do Evangelho para uma Igreja em saída*. Pontifícias Obras Missionárias. Brasília: Edições CNBB, 2017.

Internet

CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. *Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização*. 2007. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20071203_nota-evangelizzazione_po.html. Acesso em: 6 abr. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Discurso aos cardeais e colaboradores da Cúria Romana*. 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/538719-discurso-do-papa-francisco-aos-cardeais-e-colaboradores-da-curia-romana>. Acesso em: 5 mar. 2020.

FRANCISCO, Papa. *O “Mysterium Lunae” da Igreja visto do Chimborazo*. 5 jul. 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/544374-o-mysterium-lunae-da-igreja-visto-do-chimborazo>. Acesso em: 5 abr. 2020.

JOÃO PAULO II, Papa. *Homilia do pedido de perdão*. 12 mar. 2000. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000312_perdono.html. Acesso em: 19 ago. 2020.

GALILEA, Segundo. *Tentación y discernimiento*. Madrid: Narcea, 1991. p. 29-67. Disponível em: <https://www.presbiteros.org.br/os-demonios-do-apostolado/>. Acesso em: 5 abr. 2020.

